

criação

COMPANHIA
DE TEATRO
DE ALMADA

TEATRO MUNICIPAL
**JOAQUIM
BENITE**

MIGRANTES

DE MATÉI VISNIEC • ENCENAÇÃO DE RODRIGO FRANCISCO

A próxima criação da Companhia de Teatro de Almada – *Migrantes*, de Matéi Visniec – debruça-se sobre a problemática dos migrantes que procuram a todo o custo (por vezes pagando com a vida) entrar na Europa, fugindo a situações desesperadas. O dramaturgo romeno ex-exilado em França, Matéi Visniec, é também repórter da Rádio France e testemunhou (em Calais, em Lesbos, na Hungria) o drama vivido diariamente por quem não tem nada a perder – e está disposto a tudo para tentar chegar à Europa. Mas *Migrantes* é mais do que uma peça documental. Neste texto, usando a ironia e o sarcasmo que o caracterizam, Visniec aponta o dedo às contradições proferidas pelos dirigentes da União Europeia. Nomeadamente: a distinção entre *refugiados económicos* e *refugiados políticos*. Se estes têm, à partida, direito a requerer asilo político na Europa, aqueles são automaticamente reencaminhados para os chamados países-tampão, como a Turquia. A pergunta (pertinente) que *Migrantes* nos coloca é: se o Ocidente criou um modelo económico e se esforçou por globalizá-lo, com que legitimidade se procura impedir, então, que todos os cidadãos do planeta tenham acesso ao “modo de vida ocidental”?



Adriano Carvalho



Elias Nazaré



João Cabral



João Tempera



Maria Frade



Maria João Falcão



Rui M. Silva



Sofia Marques



Tânia Guerreiro



MATÉI VISNIEC (n. 1956, Radauti) é dramaturgo e poeta. Aos 31 anos instala-se em Paris, fugindo à ditadura de Ceaușescu na Roménia. Dada a censura dos seus textos, só em 1989 se tornará num dos autores mais representados no seu país de origem. Rapidamente a sua obra é traduzida e encenada em vários idiomas. Entre as suas peças mais conhecidas encontram-se *Velho palhaço, precisa-se* (1987) e *A velhota que fabricava 37 cocktails Molotov por dia* (2002). Os seus textos são actualmente representados em todo o Mundo e estão editados em português do Brasil na editora Realizações. Visniec tem intercalado a sua actividade dramática com o jornalismo, na Rádio France Internationale.



RODRIGO FRANCISCO (n. 1981, Lisboa), licenciado em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade de Lisboa, foi assistente de Joaquim Benite entre 2006 e 2012. É autor de *Quarto minguante* (2007) e *Tuning* (2011). Na Companhia de Teatro de Almada dirigiu os seguintes espectáculos: *Falar verdade a mentir*, de Almeida Garrett (2011); *Negócio fechado*, de David Mamet (2013); *Em direcção aos céus*, de Ödön von Horváth (2013); *Um dia os réus serão vocês*, a partir do texto do julgamento de Álvaro Cunhal (2013); *Kilimanjaro*, a partir de Ernest Hemingway (2014); *A tragédia optimista*, de Vsevolod Vichnievski (2015); *Noite da liberdade*, de Ödön von Horváth (2016) e *Bonecos de luz*, a partir de Romeu Correia (2017). É desde 2013 director artístico da Companhia de Teatro de Almada e do Festival de Almada.

FICHA ARTÍSTICA

INTÉRPRETES ADRIANO CARVALHO, ELIAS NAZARÉ, JOÃO CABRAL, JOÃO TEMPERA, MARIA FRADE, MARIA JOÃO FALCÃO, RUI M. SILVA, SOFIA MARQUES E TÂNIA GUERREIRO **FIGURINOS** ANA PAULA ROCHA **MOVIMENTO** FRANCESCA BERTOZZI **LUZ** GUILHERME FRAZÃO **SOM** MIGUEL LAUREANO

Uma revolução para durar

POR MATÉI VISNIEC

Eles vêm do Paquistão, do Afeganistão, da Somália, da Eritreia, da Síria, do Iraque, da Líbia, do Mali, da Argélia, de Marrocos, do Haiti e de muitos outros lugares onde a vida deixou de ser compatível com a ideia de futuro. São milhões. Quantos milhões? Não se sabe. Chamam-lhes “migrantes” e têm uma única coisa na cabeça: a vontade de chegar à Europa.



Refugiados: a Europa desintegra-se. Refugiados: a morte clínica da Europa. Foi através de títulos como estes que o jornal *Le Monde*, mas também toda a imprensa europeia, analisaram, no final de Fevereiro de 2016, o fenómeno do fluxo migratório. Uma drástica mudança de atitude se pensarmos que, em Setembro de 2015, depois da morte por afogamento, no Mar Egeu, de um pequeno sírio de origem kurda chamado Aylan, com cinco anos, toda a imprensa saudou a generosidade com que a Alemanha e, sobretudo, Angela Merkel abriam os braços para acolherem um milhão de refugiados...

No espaço de apenas cinco meses, a Europa entrou em pânico. Os responsáveis políticos, mas também a opinião pública, compreenderam que há cerca de 80 milhões de pessoas no planeta que vivem em regiões afectadas pela guerra e que, em princípio, têm o direito de pedir protecção internacional e, por conseguinte, asilo político na Europa. As fronteiras começaram a fechar-se, o símbolo do fio de arame farpado reapareceu por entre os fantasmas da história. A Europa não sabe o que é que lhe está a acontecer, não sabe o que é que deve fazer – e é

grande a tentação de renunciar aos seus valores (livre circulação, direitos humanos, sociedade aberta, etc.) para travar os milhões de candidatos ao exílio que estão em marcha.

A revolução da partilha

Pergunta: Pode o teatro transformar-se num espaço de debate sobre estes assuntos? A minha resposta é sim, e foi por isso que abri este estaleiro, isto é, a escrita de uma peça sobre os migrantes. Como jornalista na *Radio France Internationale* sou “bombardeado” por informações e reportagens relativas aos migrantes. Eu próprio descobri, na sequência das minhas viagens à Grécia, à Itália, à Hungria ou à Grã-Bretanha, certas “realidades”. A minha intenção é utilizar este “material” para tentar compreender as motivações profundas de uma grande transformação humana, cultural e geopolítica. Estou convencido de que não se trata de um “fenómeno migratório de uma amplitude sem precedentes”, mas de uma espécie de revolução da partilha. Uma gigantesca revolta passiva esconde-se por detrás deste movimento (igualmente motivado por um instinto de sobrevivência). Estas centenas de milhar

de pessoas recordam ao Ocidente que o seu modelo económico, político e cultural se globaliza mal. É um modelo que funciona apenas num perímetro restrito de terra habitável, enquanto o resto do mundo assiste ao “festim dos privilegiados” pela televisão... É certamente uma injustiça pela qual os criadores deste modelo, os Ocidentais, devem hoje pagar a conta. A revolução a que assistimos é a da partilha do acesso à felicidade do mundo.

Homem vs. Destino

Mas o teatro não adopta nem a linguagem política, nem a linguagem da sociologia ou da pedagogia para avançar no seu trabalho de compreensão, promover a reflexão e, eventualmente, despertar consciências. Na minha peça modular, proponho cenas breves e situações dramáticas (inspiradas em factos reais) através das quais procuro insinuar o grande dilema moral da Europa. Mas, sobretudo, desejo captar nesta peça o lado emocional e humano do fenómeno. É uma tragédia da Humanidade que se desenrola à nossa frente, digna do antigo teatro grego onde o Homem se confrontava com a força implacável do Destino.

21 a 28 ABRIL e 03 a 14 MAIO

Quarta a Sábado às 21h30 | Domingo às 16h

SALA PRINCIPAL M/12

INFORMAÇÕES E RESERVAS:

Carina Verdasca: 91 463 50 25 | Pedro Walter: 96 354 95 75 | Federica Fiasca: 93 221 29 26 | Email: publico@ctalmada.pt

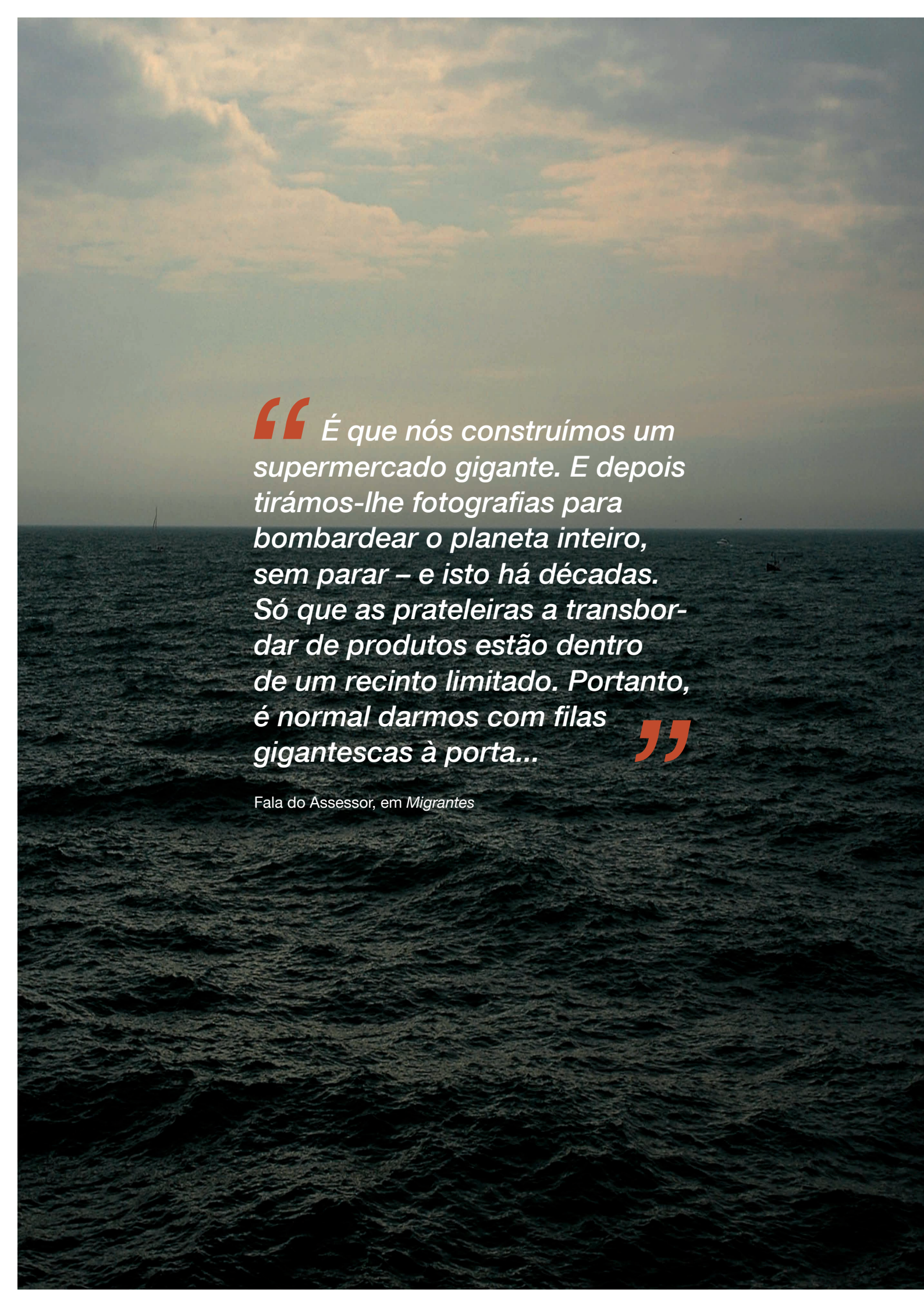
Teatro Municipal Joaquim Benite: Av. Prof. Egas Moniz - Almada | Telf.: 21 273 93 60 | www.ctalmada.pt | geral@ctalmada.pt

6.50€

Preço especial
para grupos

14€

Jantar +
Espectáculo



“ É que nós construímos um supermercado gigante. E depois tirámos-lhe fotografias para bombardear o planeta inteiro, sem parar – e isto há décadas. Só que as prateleiras a transbordar de produtos estão dentro de um recinto limitado. Portanto, é normal darmos com filas gigantescas à porta... **”**

Fala do Assessor, em *Migrantes*